

## A representação do sujeito pós-moderno em dois contos de Rubem Fonseca

PEDRO FILIPE DE LIMA\*

### Resumo:

Esse ensaio discute a representação do sujeito pós-moderno nos contos *O Cobrador* e *Mandrake*, ambos presentes na antologia de contos *O Cobrador*, de Rubem Fonseca. Antes de discutirmos esses contos, faremos uma breve discussão sobre as principais características do indivíduo pós-moderno. Em nossa análise, enfatizamos a construção de identidades multifacetadas e o desejo de mudar o *status quo* como sendo dois elementos-chave do sujeito na pós-modernidade.

**Palavras-chave:** literatura brasileira; sociologia; pós-modernidade.

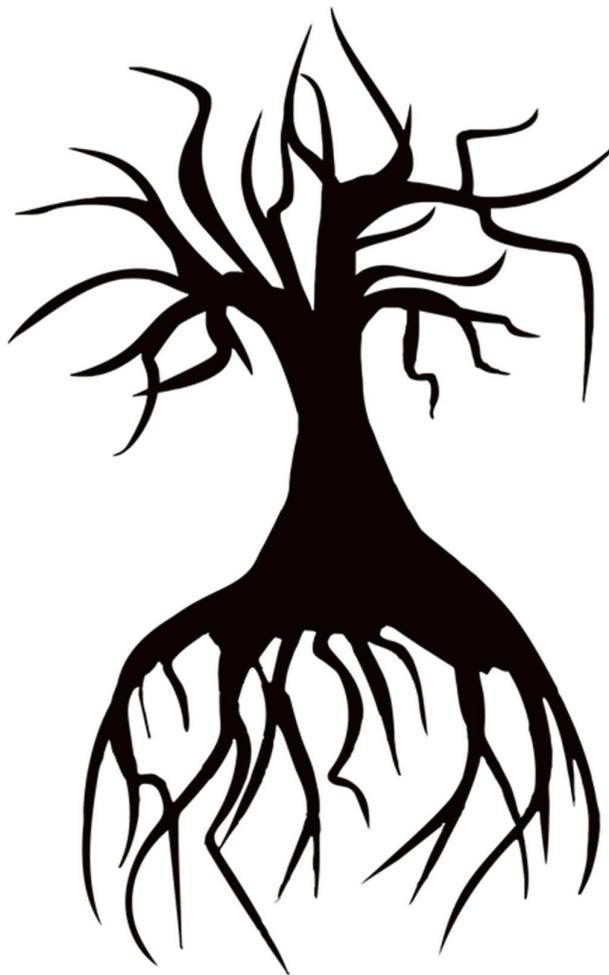
### Abstract:

This essay discusses the representation of postmodern subject in *O Cobrador* and *Mandrake*, two of Rubem Fonseca's short stories appearing in his anthology of short stories *O Cobrador*. Before we discuss these short stories, we will discuss the main characteristics of the postmodern individual. In this study, we emphasize the construction of multifaceted identities and the desire to change the *status quo* as two key elements of the subject in postmodernity.

**Key words:** Brazilian literature; Sociology; postmodernity.



1 \* **PEDRO FILIPE DE LIMA** é Licenciando em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal do Paraná.



### Introdução

A extensa obra de Rubem Fonseca o torna um dos escritores mais relevantes da literatura brasileira contemporânea. Ganhador do Prêmio Camões em 2003 (ESTADÃO, 2003), considerado por muitos críticos literários como o mais prestigiado prêmio que um autor da língua portuguesa pode receber, seus romances e contos num geral são famosos pelo alto teor de violência, contendo assassinatos, palavrões e personagens imersos em situações degradantes e/ou insalubres. Esse aspecto de sua produção literária é geralmente o mais estudado pela crítica literária brasileira, uma vez que o próprio estilo do autor colabora para

que essa agressividade contida em suas histórias salte aos olhos do leitor, pois se trata de uma escrita “rápida, às vezes compulsiva; impura, se não obscena; direta, tocando o gestual; dissonante, quase ruído” (BOSI, 1977).

Seu livro de contos *O Cobrador*, lançado em 1979, não destoia desse perfil, pelo contrário: se encaixa com precisão nas características mencionadas acima. A obra contém 10 contos e, na maioria deles, ocorre pelo menos um assassinato, que geralmente é ou se torna o pivô da história. Outro padrão interessante nessa coletânea são os seus protagonistas: quase todos são homens melancólicos e com algum tipo de frustração pessoal que é

externalizada através de alguma atitude extrema. Nesse ensaio, tentaremos fugir do óbvio, isto é, discutir a violência de sua obra, algo já bastante analisado no meio acadêmico, e nos focar em outro aspecto do livro: o modo como a pós-modernidade atravessa a construção dos protagonistas de dois de seus contos, “O Cobrador” e “Mandrake”. Num primeiro momento, faremos uma discussão teórica sobre algumas concepções de identidade na pós-modernidade, para em seguida nos focarmos no modo como ela se apresenta no teor desses dois contos, com ênfase na construção de seus respectivos protagonistas.

### **Conceituando o sujeito pós-moderno**

O mundo enfrentou vários acontecimentos intensos na primeira metade do século XX. As duas guerras mundiais, o início da Guerra Fria e o avanço massivo do crescimento da imprensa, da publicidade e da produção de conhecimentos modificaram todo o planeta de modo tal que, para muitos historiadores e sociólogos, o conceito de modernidade pura e simples se tornou obsoleto, e a partir da segunda metade do século XX a humanidade adentrou num período que se pode chamar de pós-modernidade, que seria, por sua vez, uma modernidade mais intensa e acentuada (HINTZ, 2001).

Se a sociedade e os tempos vividos mudaram, a concepção que se tem do indivíduo, isto é, a perspectiva com que se pode enxergá-lo e analisá-lo, também pode se alterar. Para o sociólogo Stuart HALL (1998), por exemplo, é possível classificar o indivíduo ao longo da história do Ocidente a partir de três categorias: o sujeito iluminista, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Os três são, naturalmente, impregnados pelo momento histórico em que viveram.

O primeiro deles, o sujeito iluminista, tem uma identidade fixa e central, com pouca ou nenhuma possibilidade de mudança ao longo de sua vida – os diferentes sujeitos iluministas num geral também tinham pouco contato uns com os outros, sendo esses momentos bastante pontuais. Podemos pensar, por exemplo, na divisão entre reis e camponeses na Idade Média ou mesmo no clero e na burguesia, que começou a ascender socialmente no começo da chamada Idade Moderna.

O sujeito seguinte em nosso esquema, o sujeito sociológico, era um indivíduo que respondia diretamente à sociedade em que estava inserido, sendo um produto dela e dos valores que ela era capaz de transmitir. Se pensarmos no período em que o Ocidente adentrou a partir das Grandes Navegações, em que o número de culturas e sociedades, bem como a interação entre elas, aumentou intensamente em pouco tempo, percebemos que esse sujeito já é mais complexo que o anterior e reduzi-lo a simples categorias não é algo simples, pois ele já começa a responder ao que a sociedade lhe impõe, manifestando comportamentos que vêm dela. Portanto,

a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito (sociológico) ainda tem um núcleo ou essência interior que o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. [...] A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo real e o mundo público (HALL, 1998).

O último desses sujeitos, o sujeito pós-moderno, carrega características dos outros dois: é possível enxergá-lo como um ser uno, ainda que tal atitude o

reduza e apague outras de suas características, e ele também é resultado do que a sociedade lhe impõe, mesmo que tenha um poder maior de aceitar essas imposições ou não. Para HALL (1998), o sujeito pós-moderno apresenta facetas que já não são mais permanentes – aliás, a própria noção de “ter facetas” é algo que emerge na pós-modernidade. Sendo assim, qualquer descrição de um indivíduo que seja breve demais não abarca toda a complexidade que ele carrega. Para esboçar uma boa definição de um indivíduo na pós-modernidade, é preciso enumerar as suas características e entender que todas elas se misturam; um sujeito pode, por exemplo, ser esquerdista, evangélico, vegetariano, corredor profissional e músico ao mesmo tempo, sem que uma dessas personas impossibilite a existência das outras. Uma das principais razões para que esse sujeito absorva mudanças com tanta facilidade é justamente a época em que ele está inserido, a pós-modernidade, em que as incertezas e instabilidades tendem a ser muito mais evidentes do que nas épocas anteriores, e o ser humano necessita cada vez mais do imediatismo e da rapidez em sua vida. A esses tempos que pedem sempre pelo novo, o instantâneo e o fugaz, o sociólogo Zygmunt BAULMAN (2000) chamou de Modernidade Líquida, pois nela o tempo corre rápido, como uma espécie de rio, e o futuro é uma incógnita para nós que por suas águas viajamos. Pensando nesse sujeito pós-moderno, que demanda o tempo todo por novidades, “apenas o céu (ou, como acabou sendo depois, a velocidade da luz) era agora o limite, e a modernidade era um esforço contínuo, rápido e irrefreável para alcançá-lo” (BAUMAN, 2000).

Feita essa breve definição, nos convém discutir agora quatro características do sujeito pós-moderno que serão

pertinentes para a nossa posterior análise dos textos literários sob estudo. Ainda que esses aspectos já estejam de alguma forma embutidos na conceituação feita, acreditamos ser necessário explicitá-las e esclarecê-las com mais alguns detalhes.

O primeiro atributo da pós-modernidade e dos seus cidadãos que nos parece relevante destacar são os conflitos entre as suas identidades, isto é, as relações conflituosas estabelecidas por elas. Ao contrário do que se poderia imaginar, essas diferentes identidades que um sujeito vivencia não estão sempre em harmonia, mas tendem a se embater com razoável constância. Esses conflitos podem ser tanto de ordem individual quanto coletiva. Podemos exemplificar um conflito de ordem individual pensando num evento hipotético em que todos os seus alimentos contenham carne e uma pessoa vegetariana por idealismo foi convidada para ir – ela naturalmente se sentirá excluída, e caso coma algo apenas com o intuito de socializar com seus colegas, fará suas identidades se conflitarem.

Para discutir um conflito na ordem coletiva, Stuart HALL (1998) discute um interessante episódio ocorrido nos Estados Unidos em 1991: o então presidente Bush indicou para a Suprema Corte Americana um juiz negro com convicções conservadoras. Através dessa designação, ele esperava agradar tanto brancos conservadores (afinal, tratava-se de um advogado conservador) quanto progressistas que apoiavam políticas identitárias. Contudo, quando essa indicação apareceu nos jornais, uma colega desse candidato a juiz do SCA, que era negra, o acusou de assédio sexual, resultando num escândalo midiático que dividiu o país: mulheres negras se dividiam conforme a

sua posição como militante negra ou feminista, homens negros se posicionavam de acordo com seu posicionamento enquanto negros ou antifeministas e mulheres conservadoras brancas apoiaram o juiz – é perceptível que, durante o desenrolar desse incidente, a perspectiva que as pessoas adotavam estava diretamente ligada às suas posições identitárias, e por isso HALL chamou esse imbróglie de “jogo das identidades” (1998).

O segundo ponto está relacionado à mudança de sujeito passivo para sujeito ativo. O indivíduo pós-moderno não se contenta mais em ser somente um mero espectador dos fatos, mas quer participar deles e fará o que for necessário para atingir esse objetivo. Como exemplo dessa mudança, podemos citar os infinitos movimentos sociais que surgiram no Ocidente, sobretudo na segunda metade do século XX: o Partido dos Panteras Negras, fundado nos EUA em 1966, discutia o papel do estado e da população frente aos problemas enfrentados por negros estadunidenses na época e o *Black Lives Matter*, que surgiu em 2013 com o mesmo objetivo, se expandiu pelo mundo ocidental através da internet. Da mesma forma, houve uma série de conflitos entre a comunidade gay e policiais em Nova York em 1969 que ficou conhecida como a “Rebelião de Stonewall” e foi o estopim para que homens gays passassem a se mobilizar politicamente por seus direitos. Também importante foi o movimento liderado por César Chavez, para garantir que os trabalhadores rurais sem emprego fixo (a maioria deles de origem mexicana) tivessem seus direitos civis e políticos, além de empregatícios, respeitados. Por fim, o feminismo, que já havia surgido em alguma medida no século XIX, ganha força e luta por direitos como o voto

feminino e a emancipação da mulher. Estudos feitos por várias teóricas do século XX, como Simone de Beauvoir e Martha Nussbaum, repensam o modo como a mulher era vista até então. Na atualidade, a internet passou a ocupar um papel crucial nessa mudança de postura. Através de comentários em grandes *sites* de notícias, cidadãos do mundo todo se posicionam e discutem o que acontece no planeta. Os próprios meios de comunicação também se transformaram: muitas pessoas já não se contentam mais com os jornais tradicionais e criam os seus próprios noticiários virtuais de cunho independente.

O terceiro aspecto é a incerteza: o sujeito pós-moderno já não tem mais tantas certezas quanto os sujeitos iluminista e sociológico, uma vez que as constantes mudanças podem transformar em obsoleto um objeto que era novidade há pouco tempo. Sendo assim,

A reflexividade da modernidade opera não numa situação de certeza cada vez maior, mas numa situação de dúvida metódica. Só podemos confiar, mesmo nas autoridades mais fidedignas, até “nova ordem”; e os sistemas abstratos que tanto penetram na vida cotidiana normalmente oferecem múltiplas possibilidades em vez de fornecer guias ou receitas fixas de ação. Sempre podemos nos voltar para os peritos, mas eles próprios muitas vezes estão em desacordo sobre teorias e diagnósticos práticos. (GIDDENS, 2002, p. 82)

Nesse sentido, o medo é também um sentimento bastante difundido na pós-modernidade, já que, em meio a tantas dúvidas e após presenciar tantos acontecimentos hediondos, não é mais possível olhar para o futuro apenas com otimismo.

O quarto e último atributo que aqui apontaremos é o desejo de transgredir e arriscar, fruto dos três tópicos anteriores. O indivíduo pós-moderno não se satisfaz mais com o *status quo* e, para mudá-lo, está disposto a tomar atitudes drásticas. Como exemplo, podemos citar as incontáveis manifestações e passeatas feitas pelos movimentos sociais supracitados, que tiveram um forte impacto político e contribuíram para concretizar as suas pautas.

### Os sujeitos fonsequianos

O conto *O Cobrador*, que dá nome ao livro e abre a antologia de Rubem Fonseca, narra em primeira pessoa a história de um psicopata que agride e/ou mata pessoas da alta sociedade carioca por acreditar que todas elas estão lhe devendo algo. Sua primeira vítima, um dentista, leva um tiro no joelho após o protagonista se recusar a pagar pela consulta que com ele tivera. Pouco antes de fazê-lo, ele diz “Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, [...] agora eu só cobro” (FONSECA, 2010) e esse comportamento se repete ao longo da trama: sempre que mata alguém, ele faz menção às dívidas que a sociedade tem para com ele e se autointitula constantemente como “o cobrador”, daí o nome do conto. Sua próxima vítima é um motorista de uma Mercedes que o irrita no trânsito, e algum tempo depois (não sabemos quanto), também mata um casal: a mulher, grávida de poucas semanas, leva um tiro no ventre, pois o assassino acredita que assim matará o feto antes dela. Nesse momento do conto, descobrimos que ele não mata por dinheiro, pois o marido lhe oferece a sua carteira e ele a chuta no ar antes de matá-lo, rindo, como costumava fazer ao ver o desespero de suas vítimas. Pouco sabemos da vida pessoal desse protagonista e de sua vida além dos assassinatos: ele é hóspede de Dona

Clotilde, uma senhora que ele crê ser hipocondríaca e que nutre por ele um carinho maternal, apesar de pouco saber de sua vida – o conto não explicita se ela sabe dos assassinatos que ele comete, por exemplo. Além disso, o cobrador escreve poemas, os quais refletem a visão que ele tem de si mesmo como injustiçado e vítima das estruturas sociais em que está inserido. Sua vida muda completamente quando conhece, nas praias da zona nobre da cidade, Ana Palindrômica, uma bailarina que se apaixona por ele e, no final da trama, se torna sua companheira de crimes: ele nos conta que os dois planejam matar juntos vários ricos que darão uma festa no Rio de Janeiro, e pretendem fazer da chacina um evento grandioso que será noticiado por todos os grandes jornais – o conto termina com os dois se dirigindo ao local, o ato em si não é mostrado.

Esse breve resumo do conto nos ajudará a traçar o perfil de seu protagonista sob a ótica dos três sujeitos de Hall discutidos anteriormente: como sujeito iluminista, o cobrador é um homem pobre, costuma matar por prazer e está destinado a viver para sempre dessa forma. Como sujeito sociológico, seus assassinatos são uma resposta direta à vida que teve por muito tempo: quando ele diz que “não paga mais nada”, podemos inferir que ele já teve uma vida normal enquanto cidadão que paga suas contas e impostos, contribui para que a sociedade continue funcionando e segue sua vida dentro dos padrões convencionais que lhe foram inculcados. Contudo, seus assassinatos são uma resposta às injustiças que via em virtude das desigualdades sociais gritantes no Rio de Janeiro, e elas o instigaram a agir. No entanto, é quando o vemos como sujeito pós-moderno que temos uma visão de seu todo, já que ele também apresenta toda uma gama de

identidades: ele é homem, pobre, assassino, esturador, poeta e amante. Todas essas faces o compõem e o fazem ser quem ele é, elas se atravessam e se misturam em seu eu interior, sendo que elas se revelam em momentos distintos no decorrer do conto. Por se tratar de um sujeito de poucas palavras, é principalmente através da sua persona poeta que entendemos melhor os seus sentimentos frente ao mundo que o cerca, conforme podemos verificar ao ler um de seus poemas:

Os ricos gostam de dormir tarde/  
apenas porque sabem que a corja/  
tem que dormir cedo para trabalhar  
de manhã/ Essa é mais uma chance  
que eles/ têm de ser diferentes:/  
parasitar,/ desprezar os que suam  
para ganhar a comida,/ dormir até  
tarde,/ tarde/ um dia/ ainda bem,  
demais./ [...] Sabia sambar e cair na  
paixão/ e rolar pelo chão/ apenas  
por pouco tempo./ *Do suor do seu  
rosto nada fora construído./ Queria  
morrer com ela,/ mas isso foi outro  
dia,/ ainda outro dia./ No cinema  
Íris, na rua da Carioca/ o  
Fantasma da Ópera/ Um sujeito de  
preto,/ pasta preta, o rosto  
escondido,/ na mão um lenço  
branco imaculado,/ tocava punheta  
nos espectadores;/ na mesma época,  
em Copacabana,/ um outro/ que  
nem apelido tinha,/ bebia o mijo  
dos mictórios dos cinemas/ e o  
rosto dele era verde e inesquecível./  
A História é feita de gente morta/ e  
o futuro de gente que vai morrer./  
Você pensa que ela vai sofrer?/ Ela  
é forte, resistirá./ Resistiria também,  
se fosse fraca./ Agora você, não  
sei./ Você fingiu tanto tempo, deu  
socos e gritos, embusteu/ Você  
está cansado,/ você acabou,/ não sei  
o que te mantém vivo./ (FONSECA,  
2010, p 11 – grifo nosso)*

Torna-se óbvio para o leitor, ao ler esse poema, que a arte é um modo usado pelo cobrador para externalizar não

somente sua raiva das classes sociais privilegiadas, mas também o modo como ele encarava a sua própria sexualidade: o trecho destacado no poema fala de um sujeito que viola regras de etiqueta ao se masturbar diante de espectadores de um cinema. Assim como ele, o cobrador também trata a sua própria sexualidade como algo a ser exibido, seja esturando uma ricaça ou fazendo sexo com outras mulheres sem ter qualquer tipo de vínculo emocional com elas.

Outra de suas características pós-modernas é o óbvio papel de agente ativo: descontente com a sociedade que o rodeia, ele deixa de apenas observar para agir, criando um ativismo político violento e brutal – é nessa forma de querer mudar o mundo que a violência típica da literatura *fonsequiana* se manifesta nesse conto. Ao se manter nessa rotina de matar sem se preocupar com as consequências, ele manifesta o desejo de transgredir e romper, outro elemento-chave do sujeito pós-moderno. O conflito de identidades está presente desde o início do conto, mas um outro também surge à medida que ele se desenrola. O conflito inicial ocorre pelo seu desejo de matar ricos, o que o obriga a interagir com a sociedade e, ao mesmo tempo, se afastar dela. Sobre tal fato, podemos afirmar que o cobrador

passa por uma enorme angústia existencialista. A opressão da cidade fará com que deseje fugir de tudo e todos e ao mesmo tempo atingi-los. A criminalidade se transforma em patologia e o personagem Cobrador em um psicopata, um misantropo, alguém completamente avesso à vida em sociedade. [...] A multidão o irrita, fazendo com que sinta sua impotência diante do mundo, afinal todos, de alguma forma, são seus devedores. Assim, agirá de maneira animalizada, movido pelos instintos,

inclusive de sobrevivência, não se importando com regras e muito menos com a religião (CONTIN; FANINI, 2006, p. 34).

O conflito durante o desenvolvimento da história ocorre devido à sua relação com Ana. Por acreditar que não é um homem bom o bastante para ela, o cobrador foge da moça, até que um dia ela vai à sua casa e o confronta. Durante a conversa que travam, ela descobre uma de suas armas e então ele lhe revela que mata pessoas com frequência e sente prazer nisso. Para sua surpresa, Ana se torna então sua aliada, fazendo-o inclusive refletir sobre o seu papel enquanto assassino de ricos:

Sempre tive uma missão e não sabia. Agora sei. *Ana me ajudou a ver*. Sei que se todo fodido fizesse como eu o mundo seria melhor e mais justo. Ana me ensinou a usar explosivos e acho que já estou preparado para essa mudança de escala. Escolhemos para iniciar a nova fase os compristas nojentos de um supermercado da zona sul. Serão mortos por uma bomba de alto poder explosivo. Adeus, meu facão, adeus meu punhal, meu rifle, meu Colt Cobra, adeus minha Magnum, hoje será o último dia em que vocês serão usados. Beijo o meu facão. Explodirei as pessoas, adquirirei prestígio, não serei apenas o louco da Magnum. [...] *Fecha-se um ciclo da minha vida e abre-se outro* (FONSECA, 2010, p. 21 e 22 – grifos nossos)

O primeiro fragmento grifado evidencia a transformação causada por Ana: sem ela, ele continuaria conduzindo a sua vida da mesma forma, matando ricos aleatoriamente. No segundo, o cobrador reconhece que uma fase de sua vida acabou para dar início a outra: essa consciência de que ele viveu uma vicissitude é outro elemento da pós-modernidade presente em sua vida.

Ana e Clotilde também apresentam características do sujeito pós-moderno em suas representações em *O Cobrador*. A anfitriã do protagonista tem mais de uma identidade ao longo da obra: mulher, idosa, anfitriã, solitária – um dia, quando Ana chega para fazer uma visita, a primeira sensação que o cobrador sente ao ouvir a campainha é a de estranhamento, pois “Clotilde não tem parentes” (FONSECA, 2010). A relação dela com seu hóspede também é permeada de conflitos e incoerências: quando o conhece, ela diz ter medo dele. Poucos meses após ele se mudar para sua casa, ela lhe diz que agradece a Deus por sua companhia e, mais adiante, também demonstra gratidão a Ele quando conhece Ana, namorada do cobrador.

A pós-modernidade de Ana também fica clara ao longo de seu desenvolvimento na trama: ao conhecer o cobrador, ele a retrata como uma garota bela e inocente que tem o corpo esbelto por dançar balé. Por conseguinte, o leitor se surpreende ao ler que Ana o ensinou a usar explosivos, pois tal habilidade não é esperada dela. Novamente, vemos um indivíduo apresentar identidades simultâneas que podem, a princípio, parecer contraditórias.

Se o conto “O cobrador” é sobre um criminoso, “Mandrake” se encontra no outro extremo da justiça: também narrado em primeira pessoa, o conto narra a história de Paulo Mendes, um detetive particular contratado para investigar a morte de Marly Moreira, amante de Rodolfo Cavalcante Méier, um rico empresário e político que reside no Rio de Janeiro e que está sendo chantageado por um misterioso motociclista chamado Márcio, que sabe do envolvimento dele com a moça. Quando cumpre o seu papel de ir

negociar o silêncio do homem, Paulo o vê numa moto com Lili, sobrinha do empresário. Dias depois, ao se encontrar com seu chefe na casa dele para conversar sobre as investigações, o motociclista chega à mansão de Rodolfo e pede para falar com ele em particular, o que faz com que Paulo os espere na sala. Terminada a conversa, Rodolfo dispensa Paulo e diz que já se entendeu com o sujeito. Contudo, ao vê-lo conversar novamente com Lili no quintal da residência, Paulo crê que há algo de errado nesse incidente e decide seguir com as suas investigações por conta própria. Uma das características mais relevantes do conto é o fato de que ele também aborda a vida pessoal do detetive: descobrimos que o título do conto – Mandrake – é um apelido seu entre amigos os quais costumam ajudá-lo em suas investigações e com quem ele vai com frequência a bares para se divertir, que ele tem uma espécie de união estável com uma amiga cujo apelido é Berta e que os dois jogam xadrez com frequência, além das esporádicas relações sexuais. Durante essas investigações, Paulo chega a ser coagido por um dos capangas de Rodolfo a desistir, mas ele não esmorece, principalmente ao descobrir que o motociclista também fora assassinado. Por fim, ao decidir interrogar mais uma vez Rodolfo, o empresário confessa os crimes, mas Paulo descobre que, na verdade, quem os cometeu foi Lili, sua sobrinha. Ela também engatara uma relação amorosa com o tio e ele lhe disse que estava sendo chantageado por Marly, o que a fez cometer o assassinato. A morte do motociclista ocorreu porque ele mantinha consigo cartas escritas pela morta que poderiam incriminar o empresário, o que fez com que ela também o matasse; é importante ressaltar que o conto não explicita se os

laços sanguíneos de Lili são com Rodolfo ou sua esposa.

Conforme podemos constatar, Mandrake também apresenta traços marcantes do sujeito pós-moderno, a começar por suas identidades: detetive, amante, jogador de xadrez, promíscuo – o conto diz que ele já se relacionou com várias mulheres – advogado e colega de profissão de outros homens envolvidos no meio policial. Essas identidades também se entrecrocavam e se sobrepõem em determinados momentos: o Mandrake que negocia com seus clientes certamente não é o mesmo que se diverte com seus amigos. Há também, claro, identidades que aparecem no texto, mas que permanecem em segundo plano, como, por exemplo, quando um amigo menciona que o protagonista é filho de imigrantes portugueses.

Suas identidades entram em conflito quando ele se vê interessado em Eva, filha de Rodolfo e uma espécie de *socialite*, e esse interesse abala a sua relação com Berta – numa briga travada por ambos por essa razão, ele diz que a ama, mas admite para si mesmo que estava pensando em Eva (FONSECA, 2010). O detetive admite para si mesmo, no entanto, que é capaz de se interessar facilmente por qualquer mulher, ainda que tenha uma relação fixa com Berta:

Um dia, quando era adolescente, ia andando pela rua quando vi uma mulher bonita e me apaixonei de maneira súbita e avassaladora. Ela passou por mim e continuamos andando em direções opostas, eu de rosto virado, vendo-a distanciar-se agile e noble, avec as jambe de statue, até que ela desapareceu no meio da multidão. Então, num impulso desconsolado, virei-me para a frente, para além daquela passante e bati com a cabeça num poste.

Fiquei olhando a porta por onde a moça saíra, passando a mão na cicatriz da testa que o tempo não apagara (FONSECA, 2010, p. 63)

O “agente ativo”, aspecto do sujeito pós-moderno que discutimos anteriormente, surge quando Mandrake é dispensado dos seus serviços, mas decide continuar investigando o caso, pois lhe parece estranho o fato de que Rodolfo foi persuadido por Márcio sem grandes dificuldades e a ligação dele com Lili o motiva a não abandonar o caso, ainda que o faça sabendo que não terá retorno financeiro algum. Dessa forma, vemos que ele deseja, de alguma maneira, intervir no *status quo* em que fora inserido: a morte de Marly precisa ser explicada e cabe a ele fazê-lo. Para atingir os seus objetivos, ele está disposto a se arriscar em situações embaraçosas, como, por exemplo, quando interroga Eva sobre o caso após ser dispensado de seus serviços (ou seja, não deveria mais fazê-lo) e se desentende com um delegado por essa razão. A morte de Márcio é outro revés vivido por Mandrake no conto: o protagonista descobre que ele foi morto com um revólver Taurus 38, o mesmo tipo de arma que Rodolfo tem para uso doméstico, conforme consta nos registros da polícia. O empresário, que antes era seu cliente, agora também é um dos principais suspeitos do crime que Mandrake deseja desvendar.

Há, também, um outro aspecto do protagonista desse conto que se mostra fundamental quando buscamos traçá-lo enquanto sujeito pós-moderno: a consciência que ele tem de si mesmo enquanto sujeito multifacetado. Há duas razões que o fazem ter esse discernimento: como detetive, Mandrake tem o hábito de se disfarçar de outras pessoas, fazendo com que ele absorva um pouco desses disfarces à medida que os anos passam. Em

segundo lugar, o fato dele ser um advogado e dotado de uma cultura acima da média também colaboram para que ele tenha tal percepção de si mesmo, que se manifesta durante uma conversa com Berta:

[...] Eu apenas queria ter perto de mim alguém que me amava. Tua cara não está boa, disse Berta ao chegar.

Minha cara é uma colagem de várias caras, isso começou aos dezoito anos; até então o meu rosto tinha unidade e simetria, eu era um só. *Depois, tornei-me muitos.* (FONSECA, 2010, p. 70 – grifo nosso).

Mandrake também não se encaixa no arquétipo de detetive dos romances policiais tradicionais, com seus detetives que têm uma reputação inabalável e costumam agir sempre com fins nobres, cujas histórias costumam girar em torno somente de suas investigações: Rodolfo menciona que sabe de sua fama de livrar ricos e políticos de situações constrangedoras, e vimos que sua vida pessoal é explorada dentro dos limites que um conto permite. Ao contrário do que se espera de uma história policial padrão, ele sequer manifesta algum tipo de felicidade ou satisfação ao descobrir o culpado, e quando Lili lhe pergunta se “está tudo perdido”, ele responde “Infelizmente. Para todos nós.” (FONSECA, 2010) – essa subversão do protagonista, isto é, sua desconstrução enquanto detetive, é outra de suas características pós-modernas.

Além dos fatos aqui discutidos sobre esse conto, cabe ressaltar também que “Mandrake” faz parte de uma parcela da literatura *fonsequiana* que repensa a literatura policial em terras latino-americanas, pois tenta construir uma narrativa de mistério que tenha alguma

verossimilhança dentro desse território – sob essa perspectiva, não somente o seu protagonista tem características pós-modernas, mas a própria história se enquadra dentro desse conceito de pós-modernidade, ao mesclar o novo e o velho em seu conteúdo. Ao criar personagens realistas e desajustados para suas tramas policiais, Fonseca

contribuiu para a superação da paródia e o mimetismo dentro do gênero policial latinoamericano e abriu um novo caminho na literatura brasileira para a expressão dos personagens e dos cenários urbanos. Não foi o primeiro na América Latina, nem no seu próprio país, em trabalhar com algumas convenções do gênero policial, mas [...] o empenho no estilo e na qualidade literária, fez com que a obra de Fonseca se convertesse em uma referência. Com Rubem Fonseca o gênero policial reinventa-se no Brasil. (PALACIOS, 2007, p. 18)

### Considerações finais

Conforme pudemos constatar ao longo deste artigo, ainda que os protagonistas aqui estudados tenham características tão diferentes, ambos manifestam muitos aspectos pós-modernos: a multiplicidade de identidades, seus desejos de modificar a realidade, que se transformam num ativismo pessoal, e os riscos violentos a que se expõem o tempo todo são pontos em que ambos os contos dialogam e justificam sua inserção numa mesma antologia. Quanto ao ativismo político, cabe aqui fazer uma ressalva: mesmo que os personagens o cobrador e Mandrake não tenham criado movimentos sociais que os ajudassem a atingir suas metas, eles cumprem seus desejos de modificar a sociedade. Esse ativismo individual de ambos é bastante atípico quando visto em contraposição aos movimentos

sociais mencionados no início desse ensaio, mas também se encaixa na pós-modernidade, que valoriza a individualidade das pessoas.

Obviamente, não é possível através desse ensaio afirmar que Rubem Fonseca estudou a pós-modernidade para então usá-la na construção de seus personagens, mas ele de alguma forma a captou e pode manipulá-la nos contos aqui vistos para, desta maneira, desenvolver a sua identidade como escritor. Sendo assim, o autor vai além do simples diálogo entre teoria pós-moderna e literatura e produziu a sua própria escrita e modo de ver o mundo: o desgaste nas relações amorosas, visível na trama de Mandrake e suas amantes, e até mesmo o relacionamento cheio de impasses entre o cobrador e Ana, são universais e podem ser verificados nas literaturas de quaisquer épocas e tempos, mas ganham uma nova roupagem nos contos de Fonseca, cujos protagonistas possuem características atemporais, como o desejo de justiça e vingança e o apetite sexual, fundidas às características pós-modernas aqui discutidas. Assim, cremos que esse trabalho contribui não somente para construirmos a noção de como a literatura é capaz de apreender aspectos do tempo em que ela foi produzida e nos ajudar a compreendê-lo, mas também visualizar como há elementos do humano que estão além de rótulos e classificações.

### Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **O Conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 7-22.
- CONTIN, Cristiane Sucheski.; FANINI, Ângela Maria Rubel. “O cobrador” de Rubem Fonseca:

a utopia de um marginal em busca de uma revolução social. **Revista de Letras**. Curitiba, n. 8, p. 32-38.

ESTADÃO. Rubem Fonseca vence o Prêmio Camões 2003. Disponível em <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,rubem-fonseca-vence-o-premio-camoes-2003,20030513p279>>. Acesso em: 16/02/2017.

FONSECA, Rubem. **O Cobrador**. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

GIDDENS, Anthony. A trajetória do eu. In: \_\_\_\_\_ **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 70-103.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In:

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 1998. p. 7-22.

HINTZ, Helena Centeno. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. **Pensando Famílias**. Porto Alegre, v. 3, p. 8-19.

PALACIOS, María Angeles Helena. **Rubem Fonseca e a reinvenção do gênero policial**. 92 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

Recebido em 2017-03-05  
Publicado em 2017-09-07